



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS - CAPF
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
LETRAS - LÍNGUA INGLESA

ISAÉLLEN ARYANNE RÊGO BRASIL

**O USO DE GÊNEROS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS
DOCENTES E PERSPECTIVAS DOS MULTILETRAMENTOS**

PAU DOS FERROS - RN
2025

ISAÉLLEN ARYANNE RÊGO BRASIL

**O USO DE GÊNEROS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS
DOCENTES E PERSPECTIVAS DOS MULTILETRAMENTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras, do Campus Avançado de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Santos de Souza

Pau dos Ferros
2025

ISAÉLLEN ARYANNE RÊGO BRASIL

**O USO DE GÊNEROS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS
DOCENTES E PERSPECTIVAS DOS MULTILETRAMENTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras, do Campus Avançado de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa.

Aprovado em: 04/12/2025.

BANCA EXAMINADORA:

Ana Paula Santos de Souza

Prof.^a Dra. Ana Paula Santos de Souza (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Jaciara Limeira de Aquino

Prof.^a Dra. Jaciara Limeira de Aquino

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Maria das Graças de O. Pereira.

Prof. Ma. Maria das Graças de Oliveira Pereira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B823u Brasil, Isaéllen Aryanne Rêgo
 O Uso de Gêneros Digitais no Ensino de Línguas:
 Práticas Docentes e Perspectivas dos Multiletramentos. /
 Isaéllen Aryanne Rêgo Brasil. - Pau dos Ferros/RN, 2025.
 45p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Paula Santos de Souza.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Gêneros Digitais. I. Souza, Ana Paula Santos de. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

A Deus e a todas as pessoas que fizeram esta jornada possível e estiveram ao meu lado me apoiando em todo momento.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, jamais deixaria de agradecer a Deus pela oportunidade de aqui estar e por ter me sustentado com força, coragem e fé ao longo de toda esta jornada. Tenho certeza de que, sem essa fé, não teria chegado tão longe. Sinto-me profundamente grata e privilegiada por todo o cuidado e amor que Ele tem demonstrado em minha trajetória neste curso.

À minha família, expresso minha mais profunda gratidão por todo o amor, apoio e dedicação incondicionais. Agradeço pelas palavras de encorajamento nos momentos de incerteza, pela paciência nas horas difíceis e por nunca permitirem que eu acreditasse que desistir seria uma opção. Foram a base que me sustentou e o exemplo que me inspirou a seguir em frente. Tudo o que conquistei até aqui é reflexo da força, dos valores e do carinho que sempre me transmitiram. Este trabalho é, em grande parte, resultado de tudo o que aprendi com vocês, sobre amor, resiliência e fé.

Quero agradecer aos meus colegas de graduação que estiveram presentes comigo em todos os momentos possíveis dessa jornada, compartilhando aprendizados, desafios, risadas e conquistas, e que de forma direta ou indireta, me ajudaram a permanecer firme nos meus passos, tornando esse percurso mais leve, mais bonito e muito mais fácil de trilhar.

Aos professores que nos acompanharam, agradeço por todos os ensinamentos, orientações, auxílio e cuidado ao nos transmitirem os conhecimentos necessários para nossa valiosa formação.

Agradeço também à minha orientadora, Ana Paula, por ter aceitado este desafio e me acompanhado com dedicação e paciência ao longo dessa jornada tão significativa.

Aos membros da banca pela disposição em poder contribuir e pelas valiosas sugestões, meus sinceros agradecimentos.

E enfim, sou grata a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte que me proporcionou grandes aprendizados, conquistas e muito enriquecimento no meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

RESUMO

O uso das tecnologias digitais têm transformado as práticas de leitura e escrita e ampliado as possibilidades de ensino de línguas na educação básica, especialmente por meio dos gêneros digitais. Ancorado na concepção de linguagem como prática social, a partir dos estudos de Bakhtin sobre gêneros discursivos, de Marcuschi acerca dos gêneros textuais, e nas contribuições de Rojo, do New London Group e de Coscarelli e Ribeiro sobre letramento digital e multiletramentos, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os professores da educação básica utilizam os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas e quais percepções possuem sobre seu potencial para o ensino de línguas. Como objetivos específicos, busca-se compreender as perspectivas dos docentes sobre os multiletramentos relacionados ao uso desses gêneros em sala de aula, identificar as finalidades pedagógicas atribuídas a esses recursos e investigar os principais desafios enfrentados pelos professores em sua utilização. A pesquisa foi desenvolvida sob uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário aplicado a sete professores de diferentes áreas de atuação (pedagogia, língua portuguesa, inglesa e espanhola) que lecionam na educação básica nas cidades potiguares de Itaú, Severiano Melo e Pau dos Ferros. As respostas desses docentes constituem o *corpus* de análise desta pesquisa. As questões buscaram compreender a frequência de uso, as finalidades pedagógicas, as percepções e os desafios enfrentados pelos docentes na utilização dos gêneros digitais em sala de aula. Os resultados revelaram que os professores reconhecem o potencial pedagógico desses gêneros para aproximar o ensino da realidade dos alunos, tornando as aulas mais significativas, interativas e contextualizadas. No entanto, ainda persistem desafios relacionados à falta de infraestrutura, de tempo para planejamento e, principalmente, à ausência de formação específica para o uso pedagógico das tecnologias digitais. Conclui-se que é necessário investir na formação docente e em políticas educacionais que valorizem as práticas digitais e discursivas contemporâneas, a fim de promover uma educação mais crítica e alinhada às demandas da cultura digital.

Palavras-chave: Gêneros digitais; ensino de línguas; letramento digital.

ABSTRACT

The use of digital technologies has transformed reading and writing practices and expanded the possibilities for language teaching in basic education, especially through digital genres. Grounded in the conception of language as a social practice, based on Bakhtin's studies on discourse genres, Marcuschi's contributions on textual genres, and the works of Rojo, the New London Group, and Coscarelli and Ribeiro on digital literacy and multiliteracies, this study aims to analyze how basic education teachers use digital genres in their pedagogical practices and what perceptions they hold regarding their potential for language teaching. As specific objectives, the study seeks to understand teachers' perspectives on multiliteracies related to the use of these genres in the classroom, to identify the pedagogical purposes attributed to these resources, and to investigate the main challenges faced by teachers in their use. The research adopted a qualitative, descriptive approach, using an online questionnaire as the data collection instrument, which was applied to seven teachers from different fields (Pedagogy, Portuguese, English, and Spanish) who teach in basic education in the cities of Itaú, Severiano Melo, and Pau dos Ferros, in the state of Rio Grande do Norte, Brazil. The participants' responses constitute the corpus of analysis of this study. The questions sought to examine the frequency of use, pedagogical purposes, teachers' perceptions, and the challenges related to the use of digital genres in the classroom. The results indicate that teachers recognize the pedagogical potential of digital genres to bring teaching closer to students' realities, making classes more meaningful, interactive, and contextualized. However, challenges related to lack of infrastructure, limited time for planning, and especially the absence of specific training for the pedagogical use of digital technologies still persist. It is concluded that investment in teacher education and educational policies that value contemporary digital and discursive practices is necessary in order to promote a more critical education aligned with the demands of digital culture.

Keywords: Digital genres; language teaching; digital literacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Gêneros e práticas discursivas	13
2.2 Gêneros digitais, letramento e letramento digital	17
2.3 Multiletramentos e cultura digital	19
2.4 Formação docente e o uso dos gêneros digitais	21
3. METODOLOGIA	23
3.1 Abordagem e tipo de pesquisa	23
3.2 Coleta de dados	23
3.3 Participantes da pesquisa	24
3.4 Procedimentos de análise de dados	25
4. ANÁLISE	27
4.1 Perfil dos professores participantes	27
4.2 Práticas pedagógicas e o uso dos gêneros digitais em sala	28
4.3 Percepções sobre a contribuição dos gêneros digitais para a aprendizagem	30
4.4 Percepções gerais e considerações dos professores	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as transformações tecnológicas e comunicativas têm alterado profundamente as formas de interação, produção e circulação da linguagem. A presença constante das mídias digitais no cotidiano das pessoas influenciou diretamente a maneira como nos comunicamos, aprendemos e compartilhamos informações. No contexto educacional, essas mudanças exigem uma reconfiguração das práticas pedagógicas e dos modos de ensinar e aprender, especialmente nas aulas de línguas, que historicamente estiveram centradas na leitura e escrita tradicionais.

Os estudantes de hoje estão imersos em um ambiente digital multimodal, no qual o texto não se restringe à linguagem verbal, mas combina imagens, sons, vídeos e outros recursos que produzem sentido de forma integrada. Nesse cenário, a escola enfrenta o desafio de acompanhar as novas práticas sociais de linguagem e de incorporar, em seu currículo, gêneros discursivos que façam parte da realidade dos alunos, como *memes*, vídeos, *podcasts*, postagens em redes sociais e infográficos digitais.

Nos últimos anos, as discussões sobre o ensino de línguas têm destacado a necessidade de ultrapassar práticas tradicionais baseadas exclusivamente na norma e na estrutura gramatical. Essa abordagem, ainda predominante em muitas escolas, pouco dialoga com as vivências comunicativas dos estudantes, que se constroem em meio a múltiplas linguagens e ambientes digitais. Assim, torna-se pertinente refletir sobre as estratégias pedagógicas que contemplem o uso dos gêneros digitais como instrumentos de aprendizagem, capazes de aproximar o ensino das práticas sociais contemporâneas.

A escolha por investigar essa temática surge principalmente das experiências vividas ao longo da graduação em Letras – Língua Inglesa, especialmente durante os estágios supervisionados. Nessas vivências, foi possível observar que muitas aulas de língua estrangeira ainda se limitam ao uso de recursos gramaticais de forma descontextualizada, priorizando exercícios estruturais e repetitivos em detrimento de práticas comunicativas mais significativas como atividades de leitura e produção de textos autênticos, análise de vídeos e postagens de redes sociais, debates orais e produções digitais que dialoguem com situações reais de uso da língua. Essa constatação despertou o interesse em compreender de que maneira os gêneros digitais poderiam ser incorporados às aulas de línguas, promovendo um aprendizado mais próximo da realidade dos alunos.

Além disso, nas disciplinas cursadas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), foi possível refletir sobre a importância de metodologias que valorizem a linguagem em uso e que considerem o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Diversos professores enfatizaram a necessidade de superar práticas centradas apenas na gramática e de investir em abordagens que contemplem a diversidade textual e as novas formas de comunicação mediadas pelas tecnologias digitais.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se pela relevância de compreender como os professores têm lidado com essas transformações trazidas pela cultura digital e de que modo os gêneros digitais podem contribuir para o desenvolvimento de competências linguísticas e discursivas. Além disso, este estudo busca contribuir com reflexões sobre a formação docente, apontando para a necessidade de preparar os professores para integrar, de modo consciente e planejado, as tecnologias digitais às suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, o estudo tem como objetivo geral, analisar como os professores da educação básica utilizam os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas e quais percepções possuem sobre seu potencial para o ensino de línguas.

Como objetivos específicos, pretende-se: identificar quais gêneros digitais são mais utilizados nas aulas de línguas e com que finalidades são empregados; compreender as percepções dos docentes sobre as contribuições dos gêneros digitais para o desenvolvimento de competências linguísticas e multiletradas; identificar os principais desafios enfrentados pelos professores na integração dos gêneros digitais ao ensino; e, refletir sobre a importância da formação docente para o uso pedagógico das tecnologias digitais.

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter descritivo, voltado para compreender as percepções e práticas de professores da educação básica em relação ao uso dos gêneros digitais no ensino de línguas. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma análise mais aprofundada das experiências e opiniões dos docentes, valorizando o significado das respostas e as particularidades do contexto escolar.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário elaborado no *Google Forms*, composto por questões objetivas e discursivas. O formulário foi aplicado a sete professores da educação básica, entre eles docentes de língua portuguesa, inglesa e espanhola, além de pedagogos. Os professores participantes da pesquisa atuam em algumas das cidades do Alto Oeste Potiguar: Itaú (Escola Municipal Professor José Pôrto de Queirós e Colégio e Curso Vitória do Saber); Severiano Melo (Escola Municipal Ricardo Sérgio de Lucena Melo); e Pau dos Ferros (Educandário Imaculada Conceição).

Os dados obtidos foram analisados à luz de autores que discutem os gêneros textuais e digitais, o letramento e os multiletramentos, como Marcuschi (2008), Kleiman (1995), Rojo (2009; 2013), Coscarelli e Ribeiro (2011) e Cope e Kalantzis (2000). A análise buscou relacionar as respostas dos professores com os conceitos teóricos que fundamentam a pesquisa, de modo a construir uma reflexão crítica sobre o uso pedagógico dos gêneros digitais.

Ao analisar produções acadêmicas recentes, observa-se um crescente interesse em compreender as potencialidades das tecnologias digitais e dos gêneros digitais no ensino de línguas. Os trabalhos dialogados nesta pesquisa foram selecionados a partir de levantamentos em bases acadêmicas nacionais, considerando estudos que abordam diretamente o uso de gêneros digitais no ensino de línguas na educação básica e que apresentam aproximação temática, teórica ou metodológica com a presente investigação.

Entre essas produções, destaca-se a dissertação de Bárbara Minto (2020), intitulada *“O uso das tecnologias digitais no ensino de língua inglesa: práticas, desafios e perspectivas docentes”*. A autora analisa como professores de língua inglesa utilizam recursos tecnológicos em suas aulas e identifica que, embora reconheçam a importância das tecnologias para o ensino, muitos docentes ainda enfrentam dificuldades relacionadas à formação específica e à infraestrutura escolar. Essa pesquisa aproxima-se da presente investigação ao enfatizar o papel das tecnologias digitais na construção de práticas pedagógicas significativas e ao destacar a necessidade de formação docente contínua para o uso crítico e criativo desses recursos.

O artigo “Gêneros nativos digitais: pontuando contribuições para o ensino”, de Kleiane Bezerra de Sá, Antônia Sabrina Teixeira Lima, Arthur Lopes Machado e Ana Beatriz Rodrigues da Silva (2024), discute o papel dos gêneros digitais no contexto escolar, enfatizando sua relevância para o desenvolvimento das competências comunicativas e críticas dos estudantes. O estudo, realizado em uma escola pública do Ceará, destaca que os gêneros nativos digitais, como postagens, vídeos curtos, *memes* e comentários fazem parte do repertório comunicativo dos alunos e, portanto, devem ser reconhecidos como instrumentos pedagógicos legítimos.

Os autores argumentam que o trabalho com esses gêneros amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem ao articular múltiplas linguagens e promover práticas de leitura e escrita mais próximas das vivências cotidianas dos estudantes. O artigo também ressalta a importância da formação docente voltada para o uso pedagógico das tecnologias digitais, defendendo que apenas professores preparados podem explorar de forma crítica e criativa o

potencial desses gêneros no processo educativo. Essa pesquisa se aproxima da proposta deste trabalho por compreender os gêneros digitais como ferramentas fundamentais para a construção de sentidos e o desenvolvimento dos multiletramentos no ensino de línguas.

Outro trabalho relevante é a dissertação de Cíntia Almeida da Silva e Silva (2021), *“Gêneros digitais no ensino de língua portuguesa: práticas e desafios no contexto escolar”*, que discute a inserção de gêneros digitais, como *memes* e postagens em redes sociais, nas aulas de língua portuguesa. A autora aponta que o uso desses gêneros amplia as possibilidades de leitura e escrita dos estudantes, promovendo práticas mais dinâmicas e contextualizadas. Entretanto, assim como na pesquisa de Minto, observa-se a carência de formação docente e o predomínio de práticas tradicionais, que ainda dificultam a plena integração dos gêneros digitais ao currículo.

Esses estudos evidenciam que, apesar de avanços significativos nas discussões sobre letramentos digitais e multiletramentos, o uso efetivo de gêneros digitais em sala de aula ainda enfrenta limitações estruturais e pedagógicas. Dessa forma, o presente trabalho busca contribuir para esse campo, ao propor uma reflexão sobre como professores da educação básica utilizam e percebem os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas, reforçando a importância da formação docente e da valorização das práticas digitais no contexto escolar contemporâneo.

Este trabalho está organizado em capítulos. Na Introdução, apresenta-se a contextualização do tema, a justificativa da pesquisa, os objetivos geral e específicos, bem como a organização do estudo. O segundo capítulo desenvolve o referencial teórico, abordando os principais conceitos que sustentam o estudo, como gêneros textuais, gêneros digitais, letramento, multiletramentos e formação docente. O terceiro capítulo descreve a metodologia, detalhando a abordagem da pesquisa, os participantes, os instrumentos e os procedimentos adotados. O quarto capítulo traz a análise e a discussão dos resultados, relacionando as respostas dos professores com as teorias estudadas. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais, nas quais são retomados os objetivos do estudo e discutidas as principais conclusões e contribuições da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gêneros e práticas discursivas

A linguagem, enquanto prática social, é marcada por diferentes formas de organização que se adaptam às situações comunicativas. Essas formas, chamadas de gêneros discursivos ou textuais, são compreendidas como instrumentos de ação social, moldados pelas intenções, contextos e interlocutores envolvidos em cada situação comunicativa. No campo da educação, os gêneros assumem papel central, pois mediam a construção do conhecimento, o desenvolvimento das habilidades linguísticas e a inserção dos sujeitos em práticas sociais diversas.

Nesse contexto, Marcuschi (2008) destaca-se como uma das principais referências nos estudos sobre gêneros textuais no Brasil. Para ele, os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciação que emergem das atividades humanas, sendo construções culturais historicamente situadas e socialmente reconhecidas. Como afirma o autor,

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Assim, eles se constituem como práticas discursivas dinâmicas, que se transformam conforme as mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Dessa forma, não se trata de categorias fixas, mas de estruturas flexíveis e funcionais, adaptáveis aos diferentes contextos comunicativos.

Marcuschi (2008) também destaca a importância de se trabalhar com gêneros textuais no ensino de línguas, apontando que a escola deve valorizar os textos que circulam no cotidiano dos alunos e que fazem parte de suas vivências sociais. A proposta é desenvolver uma educação linguística voltada para a compreensão, análise e produção de gêneros diversos, com atenção às suas características composicionais, temáticas e estilísticas. Essa abordagem permite ao estudante reconhecer e utilizar a linguagem de forma crítica, adequada e eficaz em diferentes esferas sociais.

Ao ampliar essa discussão para o contexto contemporâneo, autores como Rojo (2009) e Coscarelli e Ribeiro (2011) passam a considerar os gêneros digitais como práticas discursivas legítimas no contexto escolar. Com a expansão da internet e das tecnologias digitais, novas formas de leitura e escrita surgem, exigindo que o ensino de línguas se atualize para incluir textos multimodais e interativos, como *blogs*, postagens em redes sociais, *podcasts*, vídeos e infográficos. Essas práticas não apenas enriquecem o repertório dos

estudantes, mas também contribuem para o desenvolvimento de múltiplas competências comunicativas, alinhadas aos princípios dos multiletramentos.

A abordagem discursiva dos gêneros, portanto, é essencial para compreender a linguagem em seu uso real, situado e socialmente construído. No ensino, ela possibilita uma aprendizagem mais significativa, conectada à realidade dos alunos e aos desafios comunicativos do mundo contemporâneo. Trabalhar com gêneros textuais e digitais de forma crítica, reflexiva e criativa é, assim, uma forma de ampliar o acesso dos estudantes às diversas formas de participação social, cultural e profissional.

Mikhail Bakhtin (1997) é considerado o precursor do conceito de gêneros do discurso, ao compreender a linguagem como uma prática social e dialógica. Para o autor, toda produção discursiva está vinculada a uma situação concreta de comunicação e reflete as condições históricas, culturais e ideológicas em que se insere.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. [...] A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

É a partir dessa concepção de linguagem como prática social e dos gêneros como formas de ação discursiva que os estudos sobre os gêneros discursivos se expandiram e passaram a dialogar com diferentes campos do conhecimento. Entre os teóricos que mais contribuíram para a consolidação e atualização desse conceito está Luiz Antônio Marcuschi, que, apoiando-se nas bases bakhtinianas, desenvolveu uma abordagem voltada para as práticas comunicativas contemporâneas e para o ensino de línguas.

Os gêneros textuais, para Marcuschi (2008), representam formas de organização da linguagem que emergem das necessidades comunicativas dos sujeitos em diferentes esferas da atividade social. Essa concepção retoma a perspectiva bakhtiniana de que toda produção discursiva é situada, histórica e social, uma vez que, conforme Bakhtin (1997), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana” (p. 279). Assim, tanto Bakhtin quanto Marcuschi reconhecem que os gêneros se originam nas interações humanas e refletem as condições de comunicação de cada contexto.

Longe de serem estruturas rígidas ou categorias estanques, os gêneros textuais são construções culturais, historicamente situadas e constantemente adaptadas ao contexto de uso. Marcuschi (2008) afirma que os gêneros textuais são formas de ação social relativamente estáveis, que resultam de práticas comunicativas recorrentes, nas quais os sujeitos interagem e produzem sentido. Essa ideia dialoga com Bakhtin (1997), que entende os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, sempre moldados pelos propósitos comunicativos e pelas condições sociais de produção.

Essa concepção rompe com abordagens normativas da linguagem e propõe um olhar funcional e pragmático sobre os textos, levando em consideração sua intencionalidade, sua circulação e os contextos em que são produzidos e interpretados. Marcuschi defende que os gêneros textuais não podem ser compreendidos apenas por seus aspectos formais, mas, sobretudo, por suas condições de produção e pelas funções que desempenham nas práticas sociais. Ele afirma que “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos às funções, propósitos, ações e conteúdos.” (Marcuschi, 2008, p. 159). Nessa perspectiva, Marcuschi não apenas dialoga com o pensamento bakhtiniano, mas o amplia ao direcioná-lo para o campo do ensino de línguas, enfatizando que o trabalho com gêneros deve considerar usos reais da linguagem e práticas discursivas socialmente situadas. Essa abordagem é especialmente relevante para esta pesquisa, pois sustenta a compreensão dos gêneros (inclusive os digitais) como instrumentos de mediação pedagógica, capazes de aproximar o ensino das experiências cotidianas dos alunos e de favorecer práticas de leitura e escrita mais críticas, significativas e contextualizadas.

Essa perspectiva tem implicações diretas para o ensino de línguas, que deve deixar de tratar os textos como pretextos para ensinar gramática e passar a entendê-los como práticas discursivas situadas. Para Marcuschi, o ensino centrado nos gêneros permite desenvolver nos alunos uma competência textual ampla, voltada para o uso efetivo da linguagem em diferentes contextos sociais. Isso inclui, por exemplo, o trabalho com textos jornalísticos, cartas, receitas, propagandas, entrevistas, resenhas, postagens em redes sociais, memes, entre muitos outros, uma vez que esses gêneros representam diferentes esferas da atividade humana e colocam os alunos em contato com usos reais e socialmente relevantes da linguagem. Ao transitar entre gêneros tradicionais e contemporâneos, o ensino amplia o repertório discursivo dos estudantes e favorece a compreensão de que a língua se materializa de formas variadas, conforme os objetivos comunicativos e os contextos de circulação. De acordo com Marcuschi (2008), ensinar uma língua implica trabalhar com textos em suas diferentes modalidades

(orais e escritos), pois é por meio dos gêneros textuais que os sujeitos participam das práticas comunicativas e constroem sentidos.

Uma das maiores contribuições de Marcuschi foi mostrar que os gêneros não são exclusivos da escrita, mas estão presentes também na oralidade e na intermediação entre fala e escrita. Ele afirma que a fala e a escrita devem ser compreendidas como modos de realização da linguagem, e não como domínios autônomos. Nesse sentido, a diversidade de gêneros abrange desde uma conversa informal até uma notícia de jornal ou uma postagem em blog, todos com características composicionais, temáticas e estilísticas próprias, ajustadas ao contexto de uso e aos interlocutores envolvidos.

A escola, segundo Marcuschi, deve se tornar um espaço onde os alunos tenham contato com essa diversidade de textos e aprendam a reconhecer, analisar e produzir gêneros distintos, com base em finalidades comunicativas reais. Ele propõe que o trabalho com gêneros desenvolva nos alunos não apenas a competência linguística, mas também a competência discursiva e sociocomunicativa, isto é, a capacidade de adequar sua fala ou escrita às exigências de cada situação comunicativa.

Nessa perspectiva, o ensino de línguas passa a assumir um papel fundamental na formação de sujeitos capazes de atuar discursivamente em diferentes contextos sociais. Ao trabalhar com gêneros textuais, a escola possibilita que os alunos compreendam não apenas como os textos se organizam, mas também por que circulam, para quem são produzidos e com quais objetivos comunicativos. Assim, o trabalho pedagógico com gêneros contribui para o desenvolvimento de competências que ultrapassam o domínio gramatical, envolvendo a capacidade de interpretar, posicionar-se criticamente e produzir sentidos de forma adequada às situações de uso da linguagem.

Essa abordagem amplia a noção de competência linguística ao incorporar dimensões discursivas e sociocomunicativas, uma vez que exige dos estudantes a compreensão das relações entre linguagem, contexto e interação social. Ao reconhecer os gêneros como práticas discursivas, o ensino de línguas favorece a articulação entre leitura, escrita e oralidade, considerando os diferentes modos de circulação dos textos e as demandas comunicativas da vida cotidiana. Desse modo, a escola torna-se um espaço de vivência e reflexão sobre a diversidade textual presente nas práticas sociais contemporâneas.

É nesse contexto de discussão sobre gêneros, práticas discursivas e ensino de línguas que Marcuschi (2008) apresenta critérios fundamentais para analisar um gênero textual: a situação de uso, a função comunicativa, a estrutura composicional e o estilo. A análise de gêneros, portanto, exige mais do que observar estruturas fixas: requer compreender os

objetivos comunicativos que motivam o texto e as estratégias utilizadas para atingir esses objetivos. Além disso, ele ressalta que os gêneros se modificam conforme mudam os contextos sociais, as tecnologias e as relações entre os sujeitos.

Esse ponto é particularmente relevante na atualidade, marcada pelo surgimento dos gêneros digitais e pela expansão das práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais. Marcuschi reconhece que os avanços tecnológicos impactam diretamente as formas de comunicação, levando ao surgimento de gêneros híbridos, efêmeros e multimodais, como os *blogs*, *fóruns*, *tweets*, *vídeos*, *memes* e outros. Embora nem sempre tenha se dedicado exclusivamente aos gêneros digitais, sua teoria oferece as ferramentas conceituais necessárias para compreender essas novas formas de textualidade. Ele afirma que a questão hoje não é mais saber se há novos gêneros, mas reconhecer que a cada transformação comunicativa, novos gêneros surgem e se consolidam socialmente (Marcuschi, 2008).

A abordagem de gêneros proposta por Marcuschi também valoriza a noção de letramento. Para ele, o ensino da linguagem não deve restringir-se ao domínio da norma culta, mas deve contemplar o desenvolvimento de práticas sociais de leitura e escrita em múltiplos contextos. O trabalho com gêneros, nesse sentido, contribui para formar sujeitos capazes de compreender criticamente os discursos que circulam na sociedade, bem como de produzir textos com autonomia e intencionalidade.

Assim, compreender os gêneros textuais sob a ótica de Marcuschi (2008) é reconhecer que o ensino de línguas deve preparar os alunos para atuar em diferentes esferas da vida social, como a acadêmica, a profissional, a política e a pessoal. É também aceitar o desafio de incorporar à sala de aula os textos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, inclusive aqueles que circulam nas redes sociais e nos meios digitais. Essa postura amplia o repertório cultural dos alunos e promove uma educação linguística mais crítica, democrática e conectada com as práticas sociais contemporâneas.

Portanto, o estudo dos gêneros textuais, conforme proposto por Luiz Antônio Marcuschi (2008), representa um avanço significativo para o ensino de línguas. Ele desloca o foco do ensino da estrutura para o uso, da forma para a função, da gramática para o discurso. Ao fazer isso, promove uma visão de linguagem mais condizente com a realidade social dos alunos e mais eficaz para a formação de leitores e produtores de texto competentes e críticos.

2.2 Gêneros digitais, letramento, e letramento digital

Dando continuidade às discussões sobre os gêneros textuais enquanto práticas discursivas socialmente situadas, torna-se necessário compreender como essas formas de

linguagem se reorganizam no contexto das tecnologias digitais. Conforme discutido por Marcuschi (2008), os gêneros acompanham as transformações das práticas sociais, adaptando-se às novas condições de produção, circulação e interação. Nesse sentido, o desenvolvimento das tecnologias digitais possibilitou o surgimento e a ampliação dos chamados gêneros digitais, que passaram a integrar de forma significativa o cotidiano comunicativo dos sujeitos.

Os gêneros digitais mantêm vínculos com gêneros tradicionais, mas apresentam características próprias dos ambientes digitais, como a multimodalidade, a hipertextualidade e a interação em tempo real. *Blogs*, postagens em redes sociais, vídeos, *podcasts*, comentários em plataformas digitais e *memes* exemplificam essas novas formas de produção textual, que combinam diferentes linguagens e exigem dos usuários modos específicos de leitura e escrita. Como destaca Rojo (2009), esses gêneros ampliam as possibilidades de participação social e demandam novas competências comunicativas, uma vez que articulam texto, imagem, som e movimento.

Para compreender o impacto dessas transformações nas práticas de leitura e escrita, é fundamental recorrer ao conceito de letramento. A partir das contribuições do New London Group (1996), o letramento passa a ser entendido como um conjunto de práticas sociais que envolvem o uso da linguagem em contextos diversos, considerando as múltiplas formas de significação presentes na sociedade contemporânea. Essa perspectiva rompe com uma visão restrita da linguagem e reconhece que os sujeitos constroem sentidos a partir de diferentes modos semióticos, em interação com contextos culturais, sociais e tecnológicos específicos.

Nesse cenário, emerge o conceito de letramento digital, que se refere às práticas de leitura e escrita mediadas pelas tecnologias digitais. Coscarelli e Ribeiro (2011) afirmam que o letramento digital envolve não apenas o domínio técnico das ferramentas tecnológicas, mas também a capacidade de compreender, avaliar criticamente e produzir textos nos ambientes digitais. Isso implica habilidades relacionadas à navegação, à seleção de informações, à interação em redes e à produção de textos multimodais, aspectos cada vez mais presentes nas práticas sociais contemporâneas.

Rojo (2009) ressalta que o letramento digital está diretamente relacionado à perspectiva dos multiletramentos, uma vez que considera a diversidade cultural, linguística e semiótica presente nos textos que circulam na sociedade atual. Dessa forma, trabalhar com gêneros digitais no ensino de línguas significa reconhecer que os alunos já participam dessas práticas fora do ambiente escolar e que a escola deve incorporar tais experiências de modo crítico e pedagógico. Assim, o letramento digital constitui-se como um elemento fundamental

para promover práticas de ensino mais significativas, contextualizadas e alinhadas às demandas da cultura digital.

Para além das habilidades técnicas associadas ao uso das tecnologias, o letramento deve ser compreendido em sua dimensão social, cultural e política, aspecto amplamente discutido por diferentes estudiosos da área.

Nessa perspectiva, a noção de letramento consolida-se como um dos conceitos centrais nos estudos da linguagem e da educação, por ultrapassar a mera alfabetização técnica e compreender a leitura e a escrita como práticas sociais, culturais e políticas. Kleiman (1995) destaca que o letramento é uma prática situada e ideológica, uma vez que o uso da língua escrita envolve relações de poder, inclusão, exclusão e construção de identidades. Assim, a escola assume papel fundamental na formação de sujeitos críticos, ainda que enfrente desafios para romper com abordagens tecnicistas que reduzem o ensino da língua a exercícios mecânicos e descontextualizados.

Brian Street (1984) reforça essa compreensão ao afirmar que o letramento não é uma habilidade neutra, mas um processo social que se concretiza nas práticas de leitura e escrita vivenciadas pelos sujeitos em contextos específicos. Para o autor, o letramento é plural, assumindo diferentes formas conforme o contexto sociocultural, o que implica reconhecer a existência de múltiplos letramentos, incluindo aqueles mediados pelas tecnologias digitais. Dessa forma, o papel da escola é ampliar o repertório de práticas letradas dos alunos, articulando práticas tradicionais e contemporâneas.

A contribuição de Paulo Freire (1989) acrescenta uma dimensão humanizadora e crítica a essa discussão ao compreender a leitura como um ato político e libertador. Para o autor, a leitura da palavra só ganha sentido quando articulada à leitura do mundo, ou seja, à compreensão crítica da realidade social em que o sujeito está inserido. Ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9), o autor evidencia a inseparabilidade entre linguagem e contexto. No cenário contemporâneo, marcado pela cultura digital, essa leitura do mundo envolve também a compreensão crítica dos ambientes digitais, de suas linguagens, ideologias e formas de mediação do conhecimento, nos quais circulam discursos multimodais que combinam texto, imagem, som e movimento.

2.3 Multiletramentos e cultura digital

No contexto das transformações socioculturais e tecnológicas discutidas anteriormente, emerge o conceito de multiletramentos, proposto pelo New London Group (1996), que amplia a concepção tradicional de letramento ao reconhecer que as práticas

contemporâneas de leitura e escrita envolvem múltiplas linguagens, mídias e perspectivas culturais. Essa abordagem considera que a produção de sentidos na sociedade atual não se restringe ao texto verbal, mas se constrói a partir da articulação entre diferentes modos semióticos, como o visual, o sonoro, o gestual, o espacial e o digital.

A perspectiva dos multiletramentos convida a escola a reconhecer e valorizar a diversidade cultural e a pluralidade de formas de significação presentes nas práticas sociais dos alunos. Nesse sentido, aprender a ler e escrever, na contemporaneidade, implica desenvolver competências que permitam compreender textos multimodais e interativos, amplamente difundidos nos ambientes digitais. Essa compreensão desloca o ensino de línguas de uma abordagem centrada exclusivamente na norma linguística para uma prática pedagógica voltada à construção de sentidos em contextos reais de uso da linguagem.

Rojo (2013) reforça essa discussão ao afirmar que o ensino de línguas precisa dialogar com as práticas discursivas efetivamente vivenciadas pelos alunos, incorporando os gêneros digitais como objetos legítimos de estudo em sala de aula. Para a autora, o trabalho com esses gêneros contribui para a formação de leitores críticos e de produtores de textos conscientes de seu papel social, capazes de atuar de maneira reflexiva nos diferentes espaços comunicativos da cultura digital.

De forma convergente, Coscarelli e Ribeiro (2011) destacam que as práticas de leitura e escrita digitais exigem novas estratégias cognitivas e discursivas, uma vez que os sentidos se constroem de maneira não linear, articulando texto, imagem, som e hipertexto. Nesse cenário, o professor assume o papel de mediador, auxiliando os estudantes a transitar criticamente entre diferentes linguagens e ambientes digitais, compreendendo os modos de produção, circulação e recepção dos discursos.

Sob essa perspectiva, as contribuições de Paulo Freire mantêm-se atuais ao reafirmar a necessidade de uma educação voltada para a leitura crítica do mundo. No contexto da cultura digital, ler o mundo implica também analisar criticamente os discursos que circulam nas redes, compreendendo não apenas o que é dito, mas como e com quais intenções esses discursos são produzidos. Assim, a pedagogia freireana dialoga diretamente com os multiletramentos ao defender uma formação linguística que promova a consciência crítica, o diálogo e a emancipação dos sujeitos.

Portanto, pensar os multiletramentos no contexto da cultura digital significa reconhecer que a educação linguística precisa acompanhar as transformações do mundo contemporâneo. A escola deve se constituir como um espaço que acolha a diversidade de linguagens e incentive a construção de sentidos plurais, democráticos e críticos, contribuindo

para a formação de sujeitos capazes de atuar de forma consciente e responsável em uma sociedade mediada por textos, telas e múltiplas vozes.

2.4 Formação docente e o uso de gêneros digitais

A formação docente é um dos pilares fundamentais para que práticas pedagógicas inovadoras possam se consolidar no contexto escolar. Quando se trata do uso de gêneros digitais em sala de aula, essa formação se torna ainda mais crucial, uma vez que o domínio técnico não é suficiente: é necessário que o professor compreenda os aspectos discursivos, sociais e culturais envolvidos nas novas formas de linguagem e comunicação. A inclusão dos gêneros digitais no processo de ensino e aprendizagem exige uma mudança de postura, de planejamento e de repertório por parte dos educadores.

Ribeiro (2013) aponta que, embora muitos professores reconheçam a importância das tecnologias digitais para o ensino, há ainda uma lacuna significativa na formação inicial e continuada no que diz respeito à integração pedagógica desses recursos. Em muitos casos, o uso das tecnologias é esporádico, desconectado dos objetivos pedagógicos e centrado na ferramenta, e não na linguagem. Essa abordagem superficial compromete o desenvolvimento de práticas discursivas mais complexas, como aquelas propostas pelos gêneros digitais.

Além disso, Coscarelli e Ribeiro (2011) ressaltam que o letramento digital do professor não deve ser confundido com sua habilidade de operar dispositivos eletrônicos. O verdadeiro letramento digital envolve a capacidade de compreender, avaliar e produzir textos digitais em suas múltiplas linguagens (visual, verbal, sonora, interativa) e usá-los de forma crítica e criativa no processo de ensino. Para tanto, é necessário que a formação docente ofereça espaços de reflexão, experimentação e análise sobre os textos que circulam na cultura digital e sobre o papel do professor como mediador dessas práticas.

A formação voltada para os gêneros digitais deve ainda considerar a articulação com os princípios dos multiletramentos, pois os textos digitais exigem competências específicas de leitura e produção textual que vão além da alfabetização tradicional. Professores precisam estar preparados para lidar com a diversidade cultural, com a multiplicidade de mídias e com os desafios da leitura crítica em ambientes digitais. Isso requer uma formação sensível às transformações sociais e tecnológicas, que incentive o uso pedagógico dos gêneros digitais não como uma imposição externa, mas como uma resposta às demandas reais da linguagem contemporânea.

Outro ponto a ser destacado é que muitos docentes demonstram insegurança ou resistência frente à ideia de trabalhar com textos que circulam nas redes sociais ou em outras plataformas digitais. Essa resistência, muitas vezes, está relacionada à percepção de que esses textos são informais, efêmeros ou pouco “acadêmicos”, o que revela uma concepção ainda restrita de linguagem e de ensino, marcada pela valorização de gêneros tradicionais em detrimento das práticas discursivas contemporâneas. Tal postura acaba por desconsiderar que os gêneros se definem menos por seu grau de formalidade e mais por suas funções sociais, seus modos de circulação e seus objetivos comunicativos. Nesse sentido, autores como Rojo (2009) defendem que esses gêneros possuem alto potencial didático, justamente por estarem inseridos no cotidiano dos alunos e por demandarem habilidades interpretativas complexas.

Portanto, a formação docente para o uso de gêneros digitais deve ser entendida como um processo contínuo, crítico e situado, que considera o contexto de atuação do professor, suas experiências, seus saberes e suas dificuldades. É preciso criar oportunidades para que os docentes possam refletir sobre suas práticas, conhecer novos gêneros, experimentar metodologias e dialogar com outras áreas do conhecimento. Dessa forma, será possível avançar na construção de uma escola mais conectada com a cultura digital e comprometida com uma educação linguística plural, significativa, crítica e transformadora.

Dessa forma, as discussões teóricas apresentadas ao longo desta fundamentação oferecem o suporte necessário para compreender as práticas de ensino e aprendizagem mediadas pelas tecnologias digitais. Os conceitos de gêneros discursivos, letramento e multiletramentos permitiram delinear o olhar analítico que orienta esta pesquisa, fundamentando a escolha da abordagem qualitativa e dos instrumentos utilizados. No capítulo seguinte, será apresentada a metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo, detalhando os procedimentos de coleta e análise de dados, bem como o perfil dos participantes da investigação.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem e tipo de pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida sob uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório. A escolha por essa abordagem se justifica pelo interesse em compreender, de forma interpretativa e contextualizada, como os professores da educação básica percebem e utilizam os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em seu ambiente natural, valorizando o significado das ações e das experiências dos sujeitos. Assim, mais do que quantificar resultados, pretende-se aqui interpretar as percepções docentes à luz do contexto em que estão inseridos.

O caráter descritivo e exploratório da pesquisa se manifesta na intenção de delinear um panorama sobre o uso dos gêneros digitais nas aulas de línguas, levantando informações sobre as práticas pedagógicas, os desafios enfrentados e as necessidades formativas dos professores. Essa escolha é pertinente, pois, conforme Gil (2008), as pesquisas descritivas permitem observar, registrar e analisar aspectos de um fenômeno sem interferir nele, enquanto as exploratórias possibilitam o aprofundamento de conhecimentos sobre temáticas ainda pouco investigadas.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, elaborado com base nos objetivos da pesquisa e aplicado de forma on-line, utilizando a ferramenta Google Forms. A escolha desse instrumento justifica-se pela possibilidade de alcançar os participantes de maneira prática e acessível, além de permitir a organização sistemática das respostas, facilitando a análise dos dados em uma pesquisa de abordagem mista.

O questionário foi composto por quatorze questões, organizadas em quatro blocos temáticos, pensados de modo a conduzir o respondente de informações mais gerais para reflexões mais específicas. O primeiro bloco teve como objetivo traçar o perfil dos professores participantes, sendo composto por três questões fechadas relacionadas à formação e à área de atuação docente. O segundo bloco abordou as práticas pedagógicas envolvendo gêneros digitais, com oito questões, sendo sete fechadas e uma semiaberta, buscando identificar se e como esses gêneros são utilizados no contexto escolar.

O terceiro bloco concentrou-se nas percepções dos professores acerca do uso dos gêneros digitais no ensino de línguas, bem como nos desafios enfrentados em sua aplicação, sendo composto por três questões fechadas e uma semiaberta. Por fim, o quarto bloco teve como foco a visão dos docentes sobre o potencial pedagógico dos gêneros digitais, articulando essa discussão à perspectiva dos multiletramentos, além de abrir espaço para sugestões sobre a ampliação do uso desses gêneros em sala de aula, por meio de três questões abertas.

Desse modo, o questionário constituiu-se como um instrumento adequado aos objetivos da pesquisa, ao possibilitar o levantamento de informações sobre as práticas pedagógicas e as percepções dos docentes em relação ao uso dos gêneros digitais no ensino de línguas. A predominância de questões abertas e semiabertas favoreceu a expressão das experiências, opiniões e reflexões dos participantes, permitindo uma compreensão mais aprofundada do estudo. Na subseção seguinte, apresentam-se os participantes da pesquisa, bem como as características do contexto em que atuam, aspectos fundamentais para a contextualização e interpretação dos dados analisados.

3.3 Participantes da pesquisa

Participaram desta pesquisa sete professores da educação básica, entre eles duas pedagogas, dois docentes de Língua Portuguesa, dois de Língua Inglesa e uma professora de Língua Espanhola. A seleção dos participantes ocorreu por critérios de acessibilidade e conveniência, considerando a disponibilidade dos docentes e o acesso da pesquisadora ao campo de pesquisa. Alguns dos professores atuam em contextos profissionais nos quais a pesquisadora está inserida, o que possibilitou maior aproximação com os participantes e favoreceu a coleta de dados. Os docentes selecionados atuam em escolas públicas e privadas dos municípios de Itaú/RN, Severiano Melo/RN e Pau dos Ferros/RN, contextos nos quais a pesquisadora teve experiências acadêmicas e de estágio, o que facilitou o acesso aos participantes e o desenvolvimento da investigação.

Dois dos profissionais selecionados atuam em escolas particulares, um da cidade de Itaú/RN e outro de Pau dos Ferros/RN. Os demais professores trabalham em escolas públicas dos municípios de Itaú/RN e Severiano Melo/RN, conforme apresentado no Quadro 01. Essa diversidade de áreas e de contextos institucionais possibilita observar como o uso dos gêneros digitais se manifesta em diferentes realidades escolares, contribuindo para uma compreensão mais ampla das práticas docentes relacionadas à cultura digital e ao ensino de línguas.

Para preservar a identidade dos participantes e atender aos princípios éticos da pesquisa, os professores foram identificados por meio de códigos alfanuméricos, conforme apresentado no Quadro 01. A codificação permite garantir o anonimato dos sujeitos, assegurando confidencialidade às informações fornecidas e possibilitando a análise dos dados sem exposição direta dos participantes, conforme recomendações éticas para pesquisas de natureza qualitativa.

Quadro 01: Participantes da pesquisa.

PARTICIPANTE	DISCIPLINA	TIPO DE ESCOLA (PÚBLICA OU PRIVADA)
PO1	Língua Portuguesa	Pública (Itaú/RN)
PO2	Língua Portuguesa	Pública (Severiano Melo/RN)
PI1	Língua Inglesa	Pública (Itaú/RN)
PI2	Língua Inglesa	Privada (Pau dos Ferros/RN)
PE	Língua Espanhola	Pública (Itaú/RN)
PDG1	Pedagogia	Pública (Itaú/RN)
PDG2	Pedagogia	Privada (Itaú/RN)

Fonte: Elaborado para essa pesquisa

Essa diversidade de formações, falando em relação aos docentes de línguas, permite observar como o uso dos gêneros digitais se manifesta em diferentes contextos de ensino e contribui para uma compreensão mais ampla das práticas docentes relacionadas à cultura digital.

3.4 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados coletados foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, visando compreender os sentidos atribuídos pelos professores às suas práticas e percepções sobre o uso de gêneros digitais no ensino de línguas. Como destaca Gil (2008), esse tipo de análise busca interpretar os dados à luz de um contexto, priorizando a compreensão dos fenômenos e não a mensuração numérica.

Inicialmente, as respostas do questionário foram organizadas em uma planilha digital, sendo lidas e relidas para possibilitar uma familiarização com o material. Em seguida, foram agrupadas conforme as perguntas do instrumento e, posteriormente, reagrupadas em eixos temáticos de análise, construídas com base nos objetivos da pesquisa e nos pressupostos teóricos. Os principais eixos definidos foram: (a) perfil dos professores; (b) práticas pedagógicas; (c) percepções sobre os gêneros digitais; (d) visão sobre o potencial pedagógico, perspectiva dos multiletramentos e sugestões.

Durante a etapa de interpretação, buscou-se estabelecer relações entre as falas dos docentes e o diálogo com autores como Coscarelli e Ribeiro (2011), Ribeiro (2013), Kleiman (1995), Rojo (2009), Freire (1989), entre outros, a fim de articular teoria e prática. Dessa forma, os dados não foram analisados isoladamente, mas interpretados à luz de conceitos como letramento digital, multiletramentos, cultura digital e ensino de línguas.

Desse modo, esta seção apresentou os caminhos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, descrevendo a abordagem qualitativa e descritiva que orienta o estudo, os instrumentos utilizados para a coleta dos dados, o perfil dos participantes e os procedimentos empregados na organização e análise das informações.

Ao explicitar essas etapas, buscou-se garantir a transparência do percurso investigativo, bem como oferecer respaldo científico às interpretações que serão desenvolvidas no capítulo seguinte. Assim, cria-se uma base sólida para a análise e discussão dos dados, permitindo que as reflexões posteriores sejam compreendidas à luz das escolhas metodológicas aqui delimitadas.

4 ANÁLISE

A análise dos resultados constitui uma etapa essencial desta pesquisa, pois permite compreender de maneira mais profunda como os professores percebem e experienciam o uso dos gêneros digitais em suas práticas pedagógicas. O questionário aplicado possibilitou reunir informações sobre suas experiências em sala de aula, suas concepções acerca das potencialidades desses recursos e os desafios enfrentados em sua utilização.

Por tratar-se de uma investigação qualitativa e descritiva, a análise prioriza a interpretação crítica das respostas obtidas, valorizando os sentidos expressos pelos docentes. Não se busca aqui estabelecer generalizações ou padrões estatísticos, mas sim compreender nuances, destacar recorrências e dar visibilidade às percepções que emergiram.

Dessa forma, as considerações apresentadas nesta seção dialogam diretamente com a fundamentação teórica discutida anteriormente, sobretudo com os estudos de Marcuschi (2008), Rojo (2009; 2013) e Coscarelli e Ribeiro (2011) e são orientadas pelos objetivos desta pesquisa. Parte-se, sobretudo, do objetivo geral de analisar como professores da educação básica utilizam os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas e quais percepções constroem acerca de seu potencial para o ensino de línguas.

Em consonância com os objetivos específicos, busca-se compreender as perspectivas docentes sobre os multiletramentos relacionados ao uso dos gêneros digitais, identificar as finalidades pedagógicas atribuídas a esses recursos e investigar os principais desafios enfrentados pelos professores em sua integração às práticas de ensino.

A partir desse movimento de articulação entre teoria e prática docente, pretende-se evidenciar de que modo os gêneros digitais têm sido reconhecidos, incorporados ou até mesmo negligenciados nas práticas de ensino. Assim, a análise proposta busca não apenas descrever as respostas coletadas, mas interpretá-las de modo a ampliar a compreensão sobre a presença e o papel dos gêneros digitais na educação, contribuindo para uma reflexão crítica sobre os caminhos possíveis para o ensino de línguas na contemporaneidade.

4.1 PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa sete professores da educação básica, entre eles duas pedagogas, dois docentes de Língua Portuguesa, dois de Língua Inglesa e uma professora de Espanhol. Dois dos profissionais selecionados atuam em escolas particulares das cidades de Itaú/RN e Pau dos Ferros/RN, os outros cinco professores trabalham em escolas públicas municipais também de Itaú/RN e Severiano Melo/RN.

Antes de apresentar os resultados obtidos, faz-se necessário contextualizar as questões que compõem o instrumento de coleta de dados. O questionário foi elaborado com o objetivo de compreender o perfil dos professores participantes e suas percepções sobre o uso de gêneros digitais no ensino de línguas. As perguntas iniciais buscaram levantar informações básicas que possibilitassem conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, suas formações, experiências e contextos de atuação, fornecendo informações importantes para a análise das respostas subsequentes.

As três primeiras questões do questionário tiveram como objetivo traçar o perfil dos participantes, buscando identificar a formação inicial, o nível de escolaridade alcançado e o tempo de atuação na área da educação. A primeira questão se referia a área de atuação dos docentes: *“Qual é a sua área de formação inicial?”*. Resultando em: dois professores de Língua Portuguesa, dois de Língua Inglesa, uma professora de Língua Espanhola e duas pedagogas. Em relação ao nível de formação, referente à segunda pergunta *“Qual é o seu nível de formação acadêmica?”*, três professores afirmaram possuir especialização, enquanto os demais relataram ter concluído apenas a graduação. Quando perguntado sobre *“quanto tempo você atua como professor(a)?”*, cinco docentes declararam trabalhar na área há até cinco anos, enquanto dois indicaram ter entre seis e dez anos de experiência.

Esse panorama inicial revela um grupo de profissionais relativamente jovens em termos de tempo de carreira, mas com diversidade de formações e experiências. Tal diversidade é importante para esta pesquisa, pois permite observar como diferentes trajetórias acadêmicas e profissionais influenciam a forma como os gêneros digitais são percebidos e utilizados no contexto escolar.

4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O USO DOS GÊNEROS DIGITAIS EM SALA

As questões de número quatro a sete foram direcionadas especificamente para compreender como os professores utilizam os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas e quais sentidos atribuem a esse uso no processo de ensino-aprendizagem. Essas questões foram organizadas nesta subseção por tratarem diretamente das práticas pedagógicas relacionadas ao uso dos gêneros digitais. O intuito dessas perguntas é identificar de que forma os docentes integram recursos digitais em suas aulas, quais gêneros são mais recorrentes e quais desafios encontram nessa utilização. Essas informações permitem observar não apenas o grau de familiaridade dos professores com as tecnologias digitais, mas também suas concepções sobre o papel dos gêneros típicos dos espaços digitais na formação linguística e crítica dos alunos.

Na quarta pergunta, *“Você costuma utilizar gêneros digitais (memes, vídeos curtos, podcasts, postagens em redes sociais, etc.) em suas aulas?”* As respostas revelaram que quatro docentes fazem uso desses recursos *“às vezes”*; dois afirmaram utilizar *“frequentemente”*; enquanto apenas um relatou recorrer aos gêneros digitais *“raramente”*. Esse dado mostra que, embora não haja uma utilização uniforme entre os participantes, existe uma abertura significativa para a inserção dos gêneros digitais nas aulas. Tal resultado dialoga com o que Marcuschi (2008) discute sobre a dinamicidade dos gêneros textuais: *“eles se transformam e se expandem conforme as práticas sociais se modificam”*. Assim, mesmo que nem todos os professores os utilizem com frequência, o simples fato de reconhecerem sua relevância já representa uma aproximação com as novas formas de comunicação e aprendizagem.

A quinta questão investigou *“Quais gêneros digitais você já utilizou em sala de aula?”*, permitindo múltiplas respostas. Observou-se que os vídeos de plataformas como *“YouTube”* e *“TikTok”* foram os mais citados, marcados por todos os sete professores. Em seguida, destacaram-se os *“memes”* e os *“infográficos digitais”*, cada um indicado por quatro docentes. As *“postagens em redes sociais”* foram mencionadas por três participantes, enquanto os *“podcasts”* apareceram em duas respostas, e apenas um professor apontou o uso de *“filmes”*. Esses dados evidenciam a preferência por recursos audiovisuais de rápida circulação, que dialogam diretamente com o cotidiano dos estudantes. Conforme Rojo (2013), o uso desses gêneros na escola contribui para aproximar o ensino das práticas sociais reais dos alunos, tornando a aprendizagem mais significativa e conectada à cultura digital.

Na sexta pergunta *“Com que finalidade você utiliza gêneros digitais?”* houve uma divisão equilibrada das respostas. Dois professores destacaram o uso para o desenvolvimento da *“leitura crítica”*, dois para a *“introdução de conteúdos”*, e outros dois para o *“incentivo à produção dos alunos”*. Uma resposta aberta merece destaque, pois sintetiza bem a multiplicidade de usos atribuídos aos gêneros digitais: *“Uso para introduzir conteúdos, promover debates e discussões e desenvolver leitura crítica.”* Essa fala demonstra como os recursos digitais podem ser explorados de maneira integrada, indo além de uma função meramente ilustrativa. Segundo Coscarelli e Ribeiro (2011), o letramento digital envolve não apenas o domínio técnico das ferramentas, mas a capacidade de utilizá-las criticamente em situações reais de aprendizagem. Nesse sentido, os docentes demonstram compreender que os gêneros digitais são instrumentos de mediação que podem favorecer o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento.

Por fim, a sétima questão buscou compreender a percepção dos docentes quanto à contribuição dos gêneros digitais para a aprendizagem: *“Em sua opinião, os gêneros digitais contribuem para a aprendizagem dos alunos?”*. Seis professores afirmaram que os gêneros digitais contribuem *“de forma significativa”*, enquanto apenas um avaliou que a contribuição ocorre, mas *“de maneira limitada”*. O resultado confirma que há, entre os participantes, visões positivas em relação ao potencial pedagógico dos gêneros digitais, mesmo que ainda haja certo cuidado em reconhecer seus limites. Essa percepção positiva, mas cuidadosa, pode estar associada às condições concretas de trabalho docente, como a falta de formação específica, de tempo para planejamento e de infraestrutura adequada, fatores que influenciam diretamente a forma como os gêneros digitais são incorporados às práticas pedagógicas.

Essa percepção vai ao encontro da concepção de multiletramentos proposta por Cope e Kalantzis (2000), que defendem a importância de considerar as múltiplas linguagens e mídias que permeiam as práticas sociais contemporâneas. Assim, ao incorporarem vídeos, memes e outras produções digitais, os professores contribuem para o desenvolvimento de competências linguísticas e multimodais, fundamentais para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade digital.

Desse modo, as respostas evidenciam que os docentes reconhecem o potencial dos gêneros digitais como recursos capazes de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, ainda que sua efetividade esteja condicionada a fatores estruturais e formativos. Essa compreensão reforça a necessidade de refletir não apenas sobre o uso desses gêneros em sala de aula, mas também sobre as percepções que os professores constroem a respeito de suas contribuições para a aprendizagem dos alunos, aspecto que será aprofundado no subtópico seguinte.

4.3 PERCEPÇÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS PARA A APRENDIZAGEM

As questões de número oito a onze buscaram compreender as percepções dos professores e os desafios que enfrentam no uso dos gêneros digitais no ensino de línguas. Essas perguntas foram agrupadas nesta subseção por estarem diretamente relacionadas ao objetivo específico de investigar as percepções docentes sobre o potencial pedagógico dos gêneros digitais, bem como os principais desafios enfrentados em sua integração às práticas de ensino. Essas perguntas tiveram como propósito investigar não apenas as dificuldades práticas e estruturais encontradas pelos docentes, mas também suas concepções sobre o valor pedagógico desses gêneros no processo de ensino-aprendizagem. Ao analisar tais percepções,

pretendeu-se compreender como os professores se posicionam diante das transformações trazidas pela cultura digital e de que maneira interpretam o papel dos gêneros digitais na formação linguística e crítica dos alunos.

Na oitava questão, “*Quais são as principais dificuldades que você encontra para trabalhar com gêneros digitais em sala de aula?*” as respostas mostraram-se bastante equilibradas. Dois docentes mencionaram a “*falta de infraestrutura*”, especialmente no que diz respeito a equipamentos e acesso à internet; outros dois destacaram a “*escassez de tempo para planejamento*”; dois relataram a “*resistência dos alunos*” em relação ao uso desses recursos; e um apontou a “*ausência de material didático adequado*” como dificuldade para a prática. Essas respostas revelam que os obstáculos não estão apenas no domínio técnico do professor, mas também em fatores estruturais e contextuais que limitam a efetiva integração dos gêneros digitais às aulas. Essa constatação dialoga com Marcuschi (2008), ao afirmar que os gêneros textuais são práticas sociais situadas e moldadas pelas condições concretas de produção. Assim, o uso de gêneros digitais na escola depende não apenas da disposição docente, mas também do contexto institucional que viabiliza (ou restringe) tais práticas.

Na nona questão, “*Em sua opinião, o trabalho com gêneros digitais pode aproximar o ensino da realidade dos alunos?*” houve consenso majoritário: seis professores responderam que “*sim*”, enquanto apenas um avaliou que essa aproximação ocorre de forma “*parcial*”. Esse dado evidencia a percepção de que os gêneros digitais têm potencial para tornar o ensino mais conectado às práticas sociais dos estudantes, mesmo que ainda haja ponderações sobre sua efetividade em todos os contextos. Essa visão se alinha à perspectiva de Rojo (2013), que defende que o ensino de línguas deve incorporar as práticas discursivas que circulam fora da escola, valorizando os textos do cotidiano dos alunos, entre eles os gêneros digitais, como ponto de partida para aprendizagens significativas e críticas.

A décima questão investigou: “*Você já recebeu formação (curso, oficina, capacitação) para trabalhar com gêneros digitais em sala de aula?*” Todos os participantes responderam “*não*”, o que indica uma lacuna importante na formação docente inicial e continuada. Coscarelli e Ribeiro (2011) alertam que, embora o avanço tecnológico tenha transformado as formas de ler e escrever, a formação dos professores ainda não acompanha essas mudanças de maneira efetiva. As autoras destacam que o letramento digital deve ir além do uso instrumental das tecnologias, contemplando também a dimensão discursiva e crítica do ensino mediado por recursos digitais.

Na sequência, a décima primeira questão procurou saber se os professores consideravam importante receber formação específica sobre o tema: “*Você acredita que seria*

importante receber formação específica sobre o uso pedagógico de gêneros digitais?” Nesse ponto, a unanimidade foi clara: todos os sete docentes responderam que “*sim*”. Esse resultado reforça a necessidade de políticas educacionais e iniciativas institucionais que invistam na capacitação docente, garantindo que o trabalho com gêneros digitais não seja apenas uma adaptação improvisada às demandas do cotidiano, mas sim uma prática planejada, crítica e fundamentada. Como ressaltam Cope e Kalantzis (2000), os multiletramentos exigem uma pedagogia que reconheça as múltiplas formas de expressão e comunicação presentes na sociedade contemporânea, o que implica, necessariamente, na formação de professores capazes de mediar essas experiências de modo significativo.

Diante desse conjunto de respostas, observa-se que os desafios e as percepções docentes em relação ao uso dos gêneros digitais estão diretamente articulados à necessidade de formação continuada, evidenciando que o reconhecimento do potencial desses gêneros não é suficiente, por si só, para garantir sua integração efetiva às práticas pedagógicas. Assim, mais do que dificuldades pontuais, os dados revelam uma compreensão crítica por parte dos professores acerca das condições necessárias para que o trabalho com gêneros digitais contribua, de fato, para o ensino de línguas.

Nesse sentido, torna-se pertinente avançar para uma análise das percepções gerais e das considerações dos docentes sobre o uso dos gêneros digitais, buscando compreender como esses profissionais avaliam, de forma mais ampla, suas experiências, expectativas e reflexões acerca da inserção dessas práticas no contexto escolar, aspecto que será abordado no subtópico seguinte.

4.4 PERCEPÇÕES E CONSIDERAÇÕES DOS PROFESSORES

As questões finais do questionário buscaram compreender as percepções dos professores sobre o potencial pedagógico dos gêneros digitais, suas contribuições para os multiletramentos e as sugestões para ampliar seu uso no ensino. Essa etapa da análise teve como objetivo identificar como os docentes concebem o papel dos gêneros digitais na formação linguística e crítica dos alunos, bem como suas expectativas quanto à integração efetiva dessas práticas no contexto escolar. Além disso, pretendeu-se observar se os professores reconhecem os gêneros digitais como instrumentos de transformação pedagógica e de promoção de aprendizagens mais interativas e contextualizadas, alinhadas às demandas da cultura digital contemporânea.

As respostas às questões discursivas foram analisadas individualmente, e apenas algumas delas são apresentadas a seguir sob a forma de excertos numerados, de modo a

ilustrar os principais posicionamentos dos participantes e facilitar a leitura e compreensão dos dados. Os professores são identificados por códigos, conforme demonstrado no quadro 02, garantindo o anonimato e a organização da análise. Os trechos foram transcritos fielmente, preservando a linguagem original utilizada pelos docentes, a fim de manter a autenticidade das falas e dos sentidos expressos nas respostas.

Quadro 02: Codificação dos participantes da pesquisa.

PARTICIPANTE	DISCIPLINA
PO1	Língua Portuguesa
PO2	Língua Portuguesa
PI1	Língua Inglesa
PI2	Língua Inglesa
PE	Língua Espanhola
PDG1	Pedagogia
PDG2	Pedagogia

Fonte: Elaborado para essa pesquisa

Na questão doze, quando indagados: *“Na sua opinião, qual é o maior potencial pedagógico dos gêneros digitais?”* As respostas evidenciam que os gêneros digitais podem aproximar os alunos da realidade em que vivem, tornando a sala de aula mais significativa, dinâmica e interativa. Além disso, destacaram-se aspectos como a promoção da leitura crítica, a possibilidade de incentivar debates e discussões e o auxílio na assimilação dos conteúdos.

Excerto 1 – PI2

“Uma forma de aproximar os alunos e trazer mais da sua realidade para sala de aula, pois os jovens cada vez mais estão imersos no contexto digital/virtual.”

Além de ressaltar o potencial motivador e a aproximação com o cotidiano dos alunos, alguns docentes destacaram a importância de promover o letramento crítico no trabalho com os gêneros digitais. Nesse sentido, um dos participantes enfatizou que o papel do professor vai além de apenas utilizar esses recursos tecnológicos, devendo também orientar os alunos na leitura e interpretação consciente das mensagens que circulam nas mídias.

Excerto 2 – PDG2

“Em meu ponto de vista, é essencial trabalhar a leitura crítica desses gêneros, pois os alunos estão inseridos em contextos virtuais o tempo todo e sofrem com a falta de leitura e interpretação adequada desses gêneros.”

Esse depoimento evidencia uma preocupação recorrente entre os docentes: a de que os estudantes, embora sejam usuários frequentes das tecnologias digitais, nem sempre possuem as competências necessárias para compreender criticamente os discursos que consomem. A fala reforça, portanto, a necessidade de que o ensino de línguas, ao incorporar os gêneros digitais, também se comprometa com a formação de leitores reflexivos e autônomos, capazes de interpretar as múltiplas linguagens e ideologias presentes no meio digital.

Outra observação recorrente entre os docentes refere-se à contribuição dos gêneros digitais para a aprendizagem ativa e participativa. Alguns professores destacaram que esses gêneros não apenas despertam o interesse dos alunos, mas também favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas e críticas, ao criarem oportunidades de diálogo e reflexão em sala de aula.

Excerto 3 – PE

“Ajuda a assimilar o conteúdo, incentiva discussões críticas.”

Essa resposta, embora breve, sintetiza de forma precisa o potencial pedagógico dos gêneros digitais no contexto escolar. Ela demonstra que o uso desses gêneros pode ir além do entretenimento ou da motivação momentânea, promovendo interação, debate e construção coletiva do conhecimento. Assim, observa-se que o ensino mediado por gêneros digitais pode contribuir para um processo formativo mais reflexivo, colaborativo e significativo, no qual o aluno participa ativamente da construção dos sentidos.

Essas percepções dialogam diretamente com Marcuschi (2008), que compreende os gêneros textuais (incluindo os digitais) como formas de ação social que emergem das práticas comunicativas e refletem as condições de produção e circulação da linguagem. Assim, ao levar esses gêneros para a sala de aula, o professor não apenas introduz novas linguagens, mas também reconhece a legitimidade das práticas culturais dos alunos, promovendo um ensino mais próximo da vida real dos estudantes.

Na sequência, a questão treze buscou verificar se os professores acreditam que os gêneros digitais podem promover multiletramentos em sala de aula: “*Você acredita que o uso de gêneros digitais pode promover multiletramentos em sala de aula? Explique.*” Todos os participantes responderam positivamente, ressaltando que tais recursos favorecem a integração de diferentes habilidades e linguagens (escrita, visual, sonora, etc.), ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem. Um dos docentes destacou:

Excerto 4 - PO1

“Sim, porque proporciona um ensino/aprendizagem próximo da realidade cotidiana do aluno, uma vez que o estudante tem contato direto com os meios digitais em seu dia a dia.”

Esse depoimento reforça a ideia de que o ensino de línguas deve dialogar com o universo digital dos estudantes, tornando o processo educativo mais significativo e também contextualizado. Assim como defendem Rojo (2013) e Ribeiro (2013), o trabalho com gêneros digitais pode funcionar como ponte entre o ambiente escolar e as práticas sociais que os alunos vivenciam fora dele, promovendo um aprendizado conectado à realidade cultural.

Excerto 5 – PDG2

“Com certeza! Os multiletramentos analisam os textos dentro de várias perspectivas, proporcionando uma interpretação textual bem mais diversa e aproximada da realidade.”

Aqui, o professor demonstra uma compreensão do conceito de multiletramentos, alinhada ao que propõe o *The New London Group* (1996). A resposta revela a percepção de que os multiletramentos exigem o desenvolvimento de competências que envolvem múltiplas linguagens (verbal, visual, sonora e gestual) e que o contato com gêneros digitais amplia a capacidade interpretativa e crítica dos alunos diante dos discursos que circulam na sociedade.

Excerto 6 - PDG1

“Sim, podemos usar recursos digitais para potencializar a aprendizagem significativa dos alunos.”

Esse excerto evidencia uma visão pedagógica prática e intencional acerca do uso das tecnologias digitais. O professor reconhece que tais recursos não devem ser utilizados apenas como instrumentos tecnológicos, mas como mediadores de sentidos e promotores de aprendizagens contextualizadas. Em sintonia com Kleiman (1995) e Coscarelli & Ribeiro (2011), essa fala indica que o letramento digital, articulado aos multiletramentos, permite que os alunos compreendam criticamente as linguagens que permeiam o mundo digital e usem-nas para construir conhecimento.

Essas respostas se articulam com a proposta dos multiletramentos de Cope e Kalantzis (2000), que defendem a necessidade de formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes modos de representação e comunicação, considerando as diversidades culturais e tecnológicas

que caracterizam o mundo contemporâneo. Nesse mesmo sentido, Rojo (2013) afirma que trabalhar com os multiletramentos na escola implica reconhecer as práticas de linguagem dos alunos fora do ambiente escolar, valorizando-as como parte do processo educativo.

Por fim, na questão quatorze, foram solicitadas sugestões para ampliar o uso dos gêneros digitais no ensino de línguas: *“Que sugestões você daria para ampliar o uso de gêneros digitais no ensino de línguas e/ou em sua área de atuação?”* Entre as respostas, emergiram pontos recorrentes, como a necessidade de formação específica para os professores, cursos de capacitação e oficinas de uso pedagógico das tecnologias. Alguns docentes sugeriram:

Excerto 7 – Professor PO2
“Formação para os professores.”

A resposta do professor PO2, ainda que breve, evidencia a centralidade da formação continuada como condição fundamental para a ampliação do uso pedagógico dos gêneros digitais. A objetividade da fala sugere que o docente reconhece a formação como um fator estruturante, sem o qual outras iniciativas tornam-se limitadas ou inviáveis.

Excerto 8 – PI2
“Mais capacitação para professores. Os próprios profissionais da educação buscarem mais informações sobre quais gêneros estão sendo mais midiáticos atualmente. A escola proporcionar mais estrutura como rede e acesso à internet quando útil para as aulas.”

Diferentemente do excerto anterior, o professor PI2 amplia a reflexão ao relacionar a formação docente à necessidade de atualização constante sobre os gêneros digitais mais recorrentes na contemporaneidade, bem como às condições estruturais oferecidas pela escola. Sua fala evidencia que a integração dos gêneros digitais ao ensino de línguas não depende apenas da iniciativa individual do professor, mas também de investimentos institucionais, como acesso à internet e suporte tecnológico adequado.

Esses excertos reforçam a urgência da formação continuada, destacada também por Ribeiro (2013), que aponta a falta de preparo pedagógico como um dos maiores desafios para o uso significativo das tecnologias digitais. As falas evidenciam que não basta inserir os

gêneros digitais no currículo, é preciso capacitar os professores para compreender suas linguagens, funções e possibilidades didáticas, bem como garantir condições estruturais adequadas. Nesse sentido, Coscarelli e Ribeiro (2011) afirmam que o letramento digital deve ser pensado não apenas como domínio técnico, mas como prática discursiva e reflexiva, o que exige do professor uma postura crítica diante da cultura digital.

Entre as sugestões apresentadas pelos docentes, destacou-se a importância do planejamento pedagógico como elemento central para a integração dos gêneros digitais ao ensino de línguas, como ilustra o excerto a seguir:

Excerto 9 – PI1

“Procurar encaixá-los nos planejamentos para melhor aplicação.”

A fala do PI1 sintetiza um ponto essencial: a integração pedagógica planejada dos gêneros digitais. Ao sugerir que o uso desses recursos deve ser pensado de forma intencional dentro do planejamento, o professor demonstra compreender que o valor pedagógico dos gêneros digitais depende de seu encaixe coerente nos objetivos de aprendizagem, não apenas de seu uso esporádico ou decorativo. Essa ideia se articula ao que Marcuschi (2008) defende sobre o ensino pautado em práticas discursivas reais, que aproximem os estudantes das situações concretas de uso da linguagem.

Outra sugestão recorrente refere-se à necessidade de atualização dos materiais didáticos e à valorização de gêneros digitais mais próximos das práticas sociais dos alunos, conforme evidencia o excerto a seguir:

Excerto 10 – PDG2

“Os materiais didáticos seriam um bom começo. No material que trabalho, por exemplo, ele até traz alguns gêneros digitais, mas muito desatualizados, como blogs, e-mails... não que isso não seja mais utilizado, mas é bem menos quanto os memes que os alunos se deparam e criam a cada dia, os reels e shorts, que são textos de vídeos curtos. Uma análise e reescrita desses materiais seria ideal. Depois disso, acho que no próprio planejamento, o professor trazer e inserir gêneros para trazer discussões sobre a temática em sala de aula. Além de auxiliar no vocabulário, trabalha o conhecimento de mundo e a leitura crítica.”

Esse excerto traz uma reflexão maior sobre a defasagem dos materiais didáticos, apontando a necessidade de atualização constante dos conteúdos escolares. A fala sugere que os livros didáticos, muitas vezes, não acompanham o ritmo das mudanças comunicativas trazidas pela cultura digital, o que reforça a importância de um currículo mais sensível às

novas formas de produção textual. Ao mencionar gêneros como *memes*, *reels* e *shorts*, o professor demonstra compreender que esses textos multimodais têm grande potencial para promover a criticidade e o engajamento dos alunos, pois dialogam diretamente com suas práticas cotidianas de leitura e escrita.

Essas respostas, em conjunto, evidenciam uma consciência crítica por parte dos professores quanto à necessidade de repensar o ensino à luz da cultura digital, em consonância com o que Freire (1989) propõe ao defender uma educação transformadora e contextualizada. Assim, o que se depreende das falas é a compreensão de que os gêneros digitais não devem ser vistos apenas como modismos tecnológicos, mas como ferramentas de diálogo com o mundo, capazes de tornar o ensino mais significativo, inclusivo e crítico.

Essas considerações convergem com Coscarelli e Ribeiro (2011), que defendem que o letramento digital não se restringe ao domínio técnico das ferramentas, mas envolve compreender criticamente os usos sociais e discursivos das tecnologias. As autoras reforçam que, para que o trabalho com gêneros digitais seja efetivo, é necessário investir na formação docente e na criação de condições estruturais adequadas, para que o uso pedagógico das tecnologias seja planejado e significativo.

De forma geral, as três questões revelam um consenso entre os professores quanto ao potencial dos gêneros digitais para tornar o ensino mais significativo e conectado à realidade dos estudantes. Ao mesmo tempo, evidenciam que, para que esse potencial seja plenamente explorado, é necessário investir na formação docente, em materiais didáticos atualizados e em infraestrutura adequada, de modo a superar os desafios e ampliar o alcance dessas práticas no contexto escolar.

De modo geral, a análise das respostas dos professores permitiu compreender diferentes dimensões do uso dos gêneros digitais no ensino de línguas, contemplando desde o perfil dos participantes e suas práticas pedagógicas até as percepções, desafios e sugestões relacionadas à integração desses gêneros em sala de aula. Os dados evidenciaram que, embora os docentes reconheçam o potencial pedagógico dos gêneros digitais para tornar o ensino mais significativo, contextualizado e próximo da realidade dos alunos, sua utilização ainda ocorre de forma desigual e, em muitos casos, limitada por fatores como a falta de formação específica, de tempo para planejamento e de infraestrutura adequada. Ao mesmo tempo, as percepções e considerações dos professores revelam uma postura crítica e reflexiva diante das demandas da cultura digital, apontando para a necessidade de políticas educacionais e ações formativas que promovam uma integração mais planejada, consciente e fundamentada dos gêneros digitais ao ensino de línguas. Assim, a seção de análise reforça a importância de

articular teoria e prática docente, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos caminhos e desafios do ensino de línguas na contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender de que maneira os gêneros digitais vêm sendo incorporados às práticas pedagógicas de professores de línguas da educação básica, com especial atenção às suas percepções, desafios e potencialidades no ensino de línguas. A partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, o estudo teve como propósito analisar como os professores da educação básica utilizam os gêneros digitais em suas práticas pedagógicas e quais percepções possuem sobre seu potencial para o ensino de línguas. Além disso, entender sobre as perspectivas dos multiletramentos em relação ao uso desses gêneros digitais em sala de aula.

O tema mostrou-se de extrema relevância, sobretudo em um contexto no qual as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano dos estudantes, influenciando diretamente suas formas de se comunicar, aprender e interagir. Entretanto, a escola nem sempre acompanha essas mudanças com a mesma velocidade. As experiências vividas ao longo da formação universitária, especialmente nos estágios supervisionados, foram fundamentais para o amadurecimento dessa percepção: em diversas situações observamos que o ensino de línguas ainda se mantém preso à práticas tradicionais, centradas na gramática normativa, na repetição de exercícios descontextualizados, na utilização de frases isoladas e no uso limitado de recursos multimodais.

Essas vivências despertaram inquietações sobre o papel do professor diante das novas demandas da educação contemporânea. Em muitas turmas observadas, o ensino permanecia distante da realidade dos alunos, que, fora da escola, já interagem naturalmente com múltiplas linguagens e gêneros digitais, como memes, vídeos curtos, postagens e podcasts, por exemplo. Diante disso, este trabalho se propôs a investigar se tais gêneros estão, de fato, sendo utilizados em sala de aula, de que forma são explorados e quais desafios os professores enfrentam ao inseri-los em suas práticas.

Ao longo do percurso investigativo, buscamos não apenas identificar dados, mas também compreender sentidos, ouvir as vozes docentes e relacioná-las aos fundamentos teóricos que sustentam o estudo, em especial as contribuições de Marcuschi (2008), Rojo (2009; 2013), Coscarelli e Ribeiro (2011) e Kleiman (1995), que discutem, sob diferentes perspectivas, o papel dos gêneros, do letramento e dos multiletramentos no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

A análise dos questionários aplicados a sete professores da Educação Básica revelou um panorama interessante sobre a inserção dos gêneros digitais nas práticas pedagógicas.

Embora os resultados indiquem que o uso desses recursos ainda não é predominante, observa-se um movimento crescente de abertura e curiosidade por parte dos professores em explorar novas linguagens em sala de aula.

Os dados apontaram que a maioria dos docentes utiliza os gêneros digitais apenas “às vezes”, o que demonstra uma tentativa de integração, mesmo diante de limitações estruturais e metodológicas. A preferência por vídeos e *memes*, por exemplo, evidencia uma busca por recursos mais acessíveis e atrativos, que dialoguem com a cultura dos estudantes e possam tornar o ensino mais próximo da realidade digital em que eles vivem. Essa escolha, embora muitas vezes intuitiva, reforça o que Rojo (2013) destaca sobre o papel da escola em acolher as linguagens e práticas culturais dos alunos, reconhecendo-as como parte legítima do processo de ensino-aprendizagem.

Ao mesmo tempo, os resultados mostram que ainda há desafios significativos a serem superados. A falta de infraestrutura adequada, o tempo reduzido para planejamento, a resistência de alguns alunos e a ausência de formação docente específica surgem como barreiras recorrentes. Tais dificuldades revelam que o problema não se resume à disposição dos professores, mas à própria estrutura do sistema educacional, que nem sempre oferece as condições necessárias para uma prática pedagógica inovadora e coerente com os multiletramentos.

É notável, contudo, que os professores reconhecem o potencial pedagógico dos gêneros digitais. A maior parte acredita que esses recursos tornam as aulas mais dinâmicas, favorecem a leitura crítica e ajudam a contextualizar os conteúdos, aproximando-os do universo dos alunos. Essa percepção se articula à ideia de Coscarelli e Ribeiro (2011), segundo as quais o letramento digital não se limita ao uso técnico das tecnologias, mas envolve a capacidade de compreender e produzir sentidos em múltiplas linguagens e ambientes.

Outro ponto relevante observado foi o consenso entre os participantes quanto à necessidade de formação específica para o trabalho com gêneros digitais. Todos os professores reconheceram que nunca haviam recebido capacitação formal sobre o tema, mas consideram essencial que essa formação ocorra. Essa constatação vai ao encontro das reflexões de Kleiman (1995) e Marcuschi (2008), que defendem a importância de o professor assumir o papel de mediador das práticas sociais de linguagem, articulando o conhecimento teórico à realidade vivida pelos alunos.

As respostas às questões discursivas também revelaram percepções profundas sobre o papel dos gêneros digitais na construção dos multiletramentos. Os docentes destacaram que

essas práticas contribuem para o desenvolvimento de diferentes habilidades (leitura, escrita, oralidade e análise crítica) e permitem trabalhar com textos multimodais, combinando imagens, sons e palavras. Essa multiplicidade, conforme The New London Group (1996) e Rojo (2013), é essencial para formar sujeitos críticos, capazes de transitar por diferentes contextos comunicativos e compreender o mundo de maneira mais ampla.

Além disso, muitos professores ressaltaram que os gêneros digitais têm o poder de aproximar o ensino da realidade dos alunos, tornando a aprendizagem mais significativa e participativa. Essa visão dialoga diretamente com a proposta freireana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e que o ensino deve partir das experiências e vivências dos sujeitos para que seja verdadeiramente transformador. Nesse sentido, o uso dos gêneros digitais se apresenta não apenas como uma estratégia metodológica, mas como uma prática libertadora e humanizadora, que reconhece o aluno como protagonista do próprio aprendizado.

Ainda que os desafios sejam evidentes, os resultados indicam um caminho promissor para a integração dos gêneros digitais ao ensino de línguas. O interesse demonstrado pelos professores, mesmo diante de limitações estruturais, revela o desejo de atualização e a consciência de que a escola precisa se abrir à cultura digital para permanecer significativa. Essa disposição para aprender e se reinventar é um indício de que as mudanças já começaram a acontecer, ainda que de forma gradual e de certa forma desigual.

Diante do que foi exposto, pode-se afirmar que esta pesquisa cumpriu o propósito de analisar as percepções e práticas docentes relacionadas ao uso de gêneros digitais no ensino de línguas, revelando tanto os avanços quanto as fragilidades presentes nesse processo. O estudo contribui, sobretudo, para o fortalecimento da discussão sobre a inserção crítica da cultura digital na escola e sobre a necessidade de repensar o ensino de línguas de modo mais integrado às realidades comunicativas contemporâneas.

Os resultados também evidenciam a urgência de investimentos na formação docente, tanto inicial quanto continuada. A ausência de cursos e capacitações voltados especificamente ao trabalho com gêneros digitais foi um ponto unânime entre os participantes, o que sugere que muitos professores ainda atuam por intuição ou tentativa e erro. Essa lacuna reforça a necessidade de políticas educacionais mais sensíveis às transformações tecnológicas e culturais que moldam o modo de ensinar e aprender hoje. Assim, a formação deve contemplar não apenas o domínio das ferramentas digitais, mas, sobretudo, a compreensão crítica das práticas discursivas que emergem nesses ambientes.

Outra contribuição importante do estudo está em mostrar que o uso de gêneros digitais pode ser um caminho viável para promover os multiletramentos, ao integrar diversas linguagens (verbal, visual, sonora, gestual e espacial) e ao estimular a participação ativa dos estudantes. Trabalhar com *memes*, vídeos, *podcasts* ou postagens em redes sociais permite que os alunos interpretem e produzam textos de maneira mais significativa, compreendendo as relações entre linguagem e cultura. Assim, a escola deixa de ser um espaço que apenas transmite informações e passa a ser um lugar de diálogo, criação e construção coletiva de sentidos.

Entre as perspectivas para futuras pesquisas, destacam-se: a ampliação do número de participantes, a inclusão de entrevistas ou observações de aulas para compreender de maneira mais detalhada como os gêneros digitais são aplicados no cotidiano escolar e a análise comparativa entre diferentes etapas de ensino ou áreas do conhecimento. Também seria pertinente investigar de que forma as formações continuadas e as políticas públicas podem contribuir para fortalecer o uso pedagógico dos gêneros digitais nas escolas públicas.

Por fim, é possível afirmar que o ensino de línguas na contemporaneidade precisa, mais do que nunca, dialogar com as práticas sociais de linguagem que circulam fora dos muros da escola. Os gêneros digitais não são apenas ferramentas tecnológicas, mas expressões vivas da cultura, da criatividade e da criticidade dos sujeitos. Trabalhar com eles é reconhecer que o aluno é um produtor de sentidos, um participante ativo da sociedade digital. Assim, o professor assume o papel de mediador e orientador de leituras, capaz de conectar os saberes acadêmicos às experiências concretas de seus alunos.

Em síntese, esta pesquisa reforça a ideia de que a inserção dos gêneros digitais no ensino de línguas é uma necessidade e uma oportunidade transformadora. Mais do que uma tendência, trata-se de um compromisso com uma educação linguística crítica, plural e socialmente engajada, uma educação que acolhe as múltiplas vozes e linguagens do nosso tempo, preparando os estudantes para ler, interpretar e transformar o mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.
- COSCARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana C. M. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 48, p. 479–492, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200011>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LEFFA, Vilson J. *O texto como instrumento didático*. In: ROJO, Roxane (org.). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 105–122.
- LEMKE, Jay. *Multimodality, identity, and time*. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (org.). *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000. p. 221–233.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MINTO, Bárbara. *Gêneros digitais no ensino de línguas: práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, Ana C. M. *O letramento digital na prática docente do professor de Língua Portuguesa*. Revista Científica do ITPAC, v. 6, n. 2, p. 92–102, 2013.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane (org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SÁ, Kleiane Bezerra de; LIMA, Antônia Sabrina Teixeira; MACHADO, Arthur Lopes; SILVA, Ana Beatriz Rodrigues da. *Gêneros nativos digitais: pontuando contribuições para o ensino*. Línguas e Instrumentos Linguísticos, v. 17, n. 3, p. 123-137, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8677918/35350>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA, Cíntia Almeida da. *O uso de gêneros digitais no ensino de língua inglesa: desafios e possibilidades na educação básica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Inglesa) Universidade Estadual do Piauí, Picos, 2021.

STREET, Brian. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

THE NEW LONDON GROUP. *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*. *Harvard Educational Review*, v. 66, n. 1, p. 60–92, 1996. Disponível em: https://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy%2Bof%2BMultiliteracies_New%2BLondon%2BGroup.pdf. Acesso em: 08 jun. 2025.